

# ENTRE ARMAS E PÚLPITOS: a necropolítica do Bolsonarismo<sup>1</sup>

Guilherme Ribeiro<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente texto visa a descrever como o neoprotetantismo e a defesa do legado da ditadura militar atuaram na composição da nova face da extrema-direita no Brasil nas primeiras décadas do século XXI. Tendo como inspiração teórica o conceito de necropolítica desenvolvido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe, talvez seja possível reconhecer a emergência do fenômeno chamado Bolsonarismo e sua ênfase na mobilização da linguagem da violência, do ódio e da morte como ativos políticos.

**Palavras-chave:** neoprotetantismo, ditadura militar, necropolítica, Bolsonarismo, Brasil

## Between guns and pulpits: the necropolitics of Bolsonarism

**Abstract:** This text aims to describe how neoprotetantism and defense of the military dictatorship legacy shaped the new face from the Brazilian far-right in the first decades of the twenty-first century. Based on the concept of necropolitics developed by the Cameroonian philosopher Achille Mbembe, it is possible to recognize the emergence of the Bolsonarism and its emphasis on the language of violence, hate and death as political assets.


**Keywords:** neoprotetantism, military dictatorship, necropolitics, Bolsonarism, Brasil

## Entre armes et chaires : la nécropolitique du Bolsonarisme

**Résumé:** L'article suivant veut décrire comment le néoprotetantisme et l'apologie de l'héritage de la dictature militaire ont agi sur la composition de la nouvelle face de l'extrême-droite au Brésil dans les premières décennies du XXIème siècle. A partir du concept de

---

<sup>1</sup> Convidados gentilmente por Felipe Ramão (doutorando pelo PPFH/UERJ) para palestra *online* em comemoração ao dia do geógrafo (29.05.2020), optamos por intitulá-la justamente "A necropolítica do Bolsonarismo" com vistas a testar algumas hipóteses preliminares. Algo similar ocorreu quando, ao lado de Glauco Bruce Rodrigues (UFF-Campos dos Goytacazes) e Pedro Henrique Pedreira Campos (UFRRJ), participamos da *webinar* "Crise pandêmica e disputa de poder no Estado brasileiro" no âmbito do ciclo de debates patrocinado pelo Núcleo de Pesquisas Espaço e Economia (NUPEE [UERJ/UFRRJ]) em 19.06.2020. Agradecemos de coração aos nossos alunos do curso de Geo-História da UFRRJ, cujos seminários anuais sobre a formação sócio-espacial brasileira têm sido momentos especiais de descoberta coletiva e horizontal. Texto dedicado aos mortos pela Covid-19.

<sup>2</sup> Doutor em Geografia pela UFF, com estágio doutoral pela Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV) e pós-doutorado em Geografia pela UFMG. Professor Associado II do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGGEO/UFRRJ).  <http://orcid.org/0000-0002-5564-8619> . E-mail: [geofilos@msn.com](mailto:geofilos@msn.com)

nécropolitique développé par le philosophe Camerounais Achille Mbembe, on peut identifier l'émergence du phénomène appelé Bolsonarisme et sa mobilisation du langage de la violence, la haine et la mort en tant qu'expédients politiques.

**Mots-clés:** néoprottestantisme, dictature militaire, nécropolitique, Bolsonarisme, Brésil

## Introdução

464

O presente artigo surge de um *assombro* e de um *deslocamento*. O assombro diz respeito à maneira como vários segmentos da sociedade brasileira abraçaram a candidatura de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República a partir de julho de 2018. O deslocamento associa-se à nossa condição de historiador da geografia a qual, por prática de ofício, opera majoritariamente sobre o passado, mas que se viu impelido a registrar por escrito suas impressões sobre a realidade brasileira contemporânea.

No fundo, partimos também de uma motivação simultaneamente *pública* e *política*. Atuando como servidor público no papel de professor universitário há onze anos e como docente há duas décadas, no momento em que valores inegociáveis como *democracia*, *liberdade de expressão* e *direitos humanos* passaram a ser vilipendiados não de forma ocasional, mas sistematicamente como plataforma eleitoral de um candidato ao posto máximo da República, a dimensão política subjacente à nossa esfera de trabalho falou mais alto e nos sentimos impelidos a contribuir — ainda que modesta e didaticamente — para o debate público nacional.

Sob a forma de ensaios, tivemos a oportunidade de nos posicionarmos em duas ocasiões. Perturbado diante do inacreditável tão logo a vitória de Bolsonaro foi decretada, um texto mais pessoal combinando memórias biográficas da adolescência, percepções históricas da idade adulta e descrição de episódios protagonizados pela extrema-direita nas eleições de 2018 foi publicado no ano seguinte. Recentemente, posicionamo-nos sobre como um possível *impeachment* presidencial emergia como manobra da direita tão inconformada com sua escolha pretérita quanto sedenta em amealhar dividendos políticos visando ulterior pleito presidencial. Ao mesmo tempo, concluíamos que a destituição purificaria os eleitores de Bolsonaro e seria o álibi mais-

que-perfeito, uma cortina de fumaça a mascarar toda a tragédia envolvendo sua candidatura, triunfo e governo <sup>3</sup>.

Dada a unidade temática, o presente escrito pode ser lido tal qual uma continuidade, a parte terceira de um registro crítico e reativo face ao que talvez possa ser classificado sob a expressão *Bolsonarismo* — definida simplificada como a mais nova face da extrema-direita brasileira nas primeiras décadas do século XXI. Tendo como principais bases ideológicas o neoprotestantismo e a defesa do legado da ditadura militar, para o Bolsonarismo religiosidade e autoritarismo locupletam-se e reproduzem-se processando a linguagem da violência (em suas dimensões física e simbólica) como tática política <sup>4</sup>.

Nossa principal inspiração teórica repousa no conceito de *necropolítica* desenvolvido pelo filósofo camaronês Achille Mbembe <sup>5</sup>. Interpretando-o em termos amplos e à luz de uma perspectiva global e estrutural da história <sup>6</sup> — e cientes de que a apropriação de um conceito passa por uma série de mediações as quais não foram arquitetadas aqui — , ao recuperar tanto a constituição do Estado e dos Impérios moderno-coloniais quanto seus efeitos sobre o tempo presente e ao situar a escravidão como “paradigma” histórico-epistemológico, ele nos convida a refletir em torno da centralidade da morte como ativo político da modernidade. Assim sendo, corpos negros e periféricos estão à margem da esfera dos direitos — incluindo o direito à vida, privilégio de alguns. Tal projeto de morte é continuado e intensificado pelo modelo econômico neoliberal em que todos os trabalhadores, embora cruciais para a reprodução do capital, tornam-se

---

<sup>3</sup> Cf. Ribeiro (2019, 2020).

<sup>4</sup> Dentre a enorme literatura sobre a relevância política da linguagem, vide Fanon (2008 [1952]) e Kilomba (2019 [2008]). Sublinhe-se também a observação do pensador francês Roland Barthes sobre as conexões entre autoritarismo e linguagem em seu discurso inaugural no *Collège de France*: mais que proibir de dizer algo, o fascismo nos obriga a reproduzir um único discurso. É o fim do contraditório, acrescente-se (Barthes, 2007 [1978]).

<sup>5</sup> Cf. Mbembe (2016 [2003]). Estamos cientes de que a apropriação de um conceito passa por uma série de mediações as quais não foram realizadas aqui por razões que fugiriam aos objetivos desse texto.

<sup>6</sup> Cf. Braudel (1996 [1967], 1996 [1979], 1996 [1979a]).

descartáveis e desprovidos de direitos<sup>7</sup>. Em sua obra *Crítica da Razão Negra*, Mbembe nomeou este processo de o “devir negro do mundo”<sup>8</sup>.

Concernente às informações empíricas sobre o Bolsonarismo, recolhi-as de notícias divulgadas em sites de mídia como *O Globo* e *Diário do Centro do Mundo* e em redes sociais como Twitter, Facebook e YouTube, além de dados quantitativos derivados de fontes como o Datafolha e o Wikipedia. Muito embora por fora de qualquer pretensão analítica, a cobertura plena de detalhes biográficos e o rico jogo temporal transitando entre presente e passado laborado pela jornalista Thaís Oyama em seu livro *Tormenta*<sup>9</sup> foram-nos extremamente úteis para apurarmos certas idiosincrasias da personalidade e da trajetória política de Jair Messias Bolsonaro.

### Dos púlpitos

Uma das principais virtudes das Ciências Humanas reside em sua capacidade de *desnaturalizar* práticas, comportamentos, valores e representações. Na vida social, nada é natural. Variando no tempo e no espaço, mesmo as necessidades biológicas de comer, beber e dormir vão sendo particularizadas através de processos históricos e geográficos os quais podem ser sintetizados sob o signo *cultura*.

A aparente banalidade da afirmação acima revela toda sua complexidade quando mergulhamos nos fatores associados à vitória presidencial de Bolsonaro em outubro de 2018, na montagem de sua equipe ministerial, na descrição de seu governo e em determinadas ações praticadas por seus admiradores. Ao fazê-lo — ainda que de

---

<sup>7</sup> Dentre a lista de empresários Bolsonaristas contrários ao fechamento comercial provocado pelo isolamento social como Luciano Hang da Havan, Sebastião Bonfim da Centauro e Afrânio Barreira do Coco Bambu, o proprietário Junior Durski da hamburgueria Madero despiu-se de qualquer constrangimento ao afirmar em vídeo gravado em seu perfil no Instagram que o Brasil não poderia parar por causa de cinco, sete mil mortes por Covid-19 e que as perdas causadas pelo *lockdown* seriam maiores que as da pandemia. Tal acontecimento ilustra o caráter sócio-econômico da pandemia e a deterioração criminosa dos sistemas públicos de saúde no mundo e no Brasil porém encoberto por expressões como “crise sanitária”. Vide Souza Neto & Castro (2018) e, para a gravação acima, <https://www.youtube.com/watch?v=BT08VPrZpil>.

<sup>8</sup> Cf. Mbembe (2018 [2013]).

<sup>9</sup> Cf. Oyama (2020).

maneira ensaística —, não é difícil perceber a profunda disputa ao redor de tópicos os mais complexos como a interpretação sobre a ditadura militar, a orientação geopolítica do Itamaraty, os limites e as potencialidades do indivíduo no âmago da sociedade, a liberdade de imprensa e a natureza da democracia.

Nesse sentido, uma das especificidades do Bolsonarismo parece residir precisamente na adoção de uma ideologia de extrema-direita personificada entretanto não por um intelectual ou uma corrente de pensamento no sentido clássico dos termos, mas por alguém que encarna uma mescla de esoterismo e charlatanismo em tempos de redes sociais e de *fake news*. Embora saibamos das matrizes social-democrata e socialista a inspirar respectivamente os governos de Fernando Henrique Cardoso e os de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff — porém com fortes doses de neoliberalismo na prática, ressalte-se —, é bastante provável ser inédita a cena em que um presidente eleito expõe proposadamente em seu primeiro discurso transmitido ao vivo e online o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, coletânea de artigos de imprensa publicada pelo Grupo Editorial Record e assinada por Olavo de Carvalho <sup>10</sup>.

Se por um lado Carvalho manobra com êxito camadas médias com diploma de nível superior e pretensão intelectual duvidosa <sup>11</sup> contra o que rotularam por “marxismo cultural” — sua página no YouTube possui quase um milhão de inscritos [957 mil <sup>12</sup>] e o livro em tela vendeu mais de cem mil exemplares, mostrando indubitavelmente sua extrapolação para além dos muros universitários —, outro sustentáculo ideológico localiza-se no seio das camadas populares. Como parece ser moeda corrente no transcorrer da história, o *Cristianismo* é evocado em nome de uma agenda preconceituosa, excludente e agressiva por parte considerável dos católicos e pela maioria dos protestantes — agenda absolutamente oposta aos ensinamentos do próprio Jesus, diga-se em alto e bom som.

Embora rejeitemos *em qualquer circunstância* raciocínios de caráter determinista, a título de aproximação dois grupos de estatísticas cruzadas podem contribuir para

---

<sup>10</sup> Cf. Carvalho (2013). O outro livro exposto foi *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, de Churchill.

<sup>11</sup> Aventado para o cargo de Ministro da Saúde, o graduado em Medicina pela UFRJ Ítalo Marsili achou por bem estampar no Currículo Lattes a observação de que morara com Olavo de Carvalho nos Estados Unidos no período 2007-2008. Cf. <http://lattes.cnpq.br/2743692198886867>. Acesso em 25.06.2020.

<sup>12</sup> Acesso em 15 de junho de 2020 em <https://www.youtube.com/channel/UC6RQhzm93SterWntL7GzqYQ>

iluminar a escalada da direita no Brasil na virada do século XX para o século XXI. O primeiro deles contabiliza o número de protestantes segundo os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): no ano de 1991, a cifra foi de 13.157.383 milhões; em 2000, o número dobra para 26.184.941 milhões; e em 2010 alcança a marca de 42.275.440 milhões<sup>13</sup>. O segundo grupo refere-se às votações presidenciais da direita em segundo turno (PSDB e PSL) computadas pelo Tribunal Superior Eleitoral, a saber: 33 370 739 milhões<sup>14</sup> (2002); 37 543 178 milhões<sup>15</sup> (2006); 43 711 388 milhões<sup>16</sup> (2010); 51 041 155 milhões<sup>17</sup> (2014); e 57 797 847 milhões<sup>18</sup> (2018). Em síntese: direita e protestantes vêm aumentando nas últimas duas décadas.

Atendo-nos ainda um pouco mais aos dados quantitativos, em pesquisa publicada em dezembro de 2016 o Datafolha levantou que 45% dos evangélicos discorda de que todas as religiões têm mesmo valor; 71% acredita que deveria haver uma lei visando intimidar, constranger ou agredir homossexuais; 68% se opõe ao casamento entre pessoas do mesmo sexo; 64% é contrário à adoção de crianças por casais gays e a mesma percentagem sustenta que mulheres deveriam ser processadas e presas em caso de aborto<sup>19</sup>.

Enfim, se a fórmula “protestantes = direita” talvez sirva tão somente para testar seus próprios limites, por outro lado não há como desconsiderar a natureza conservadora da pauta protestante no Brasil atual. Um de seus efeitos mais visíveis reside na ampliação progressiva da chamada “bancada evangélica” no Congresso Nacional nos últimos anos — num total de noventa e um parlamentares após a eleição de 2018 — e não por acaso Jair Messias Bolsonaro repetidamente deixou-se fotografar junto a igrejas e pastores

---

<sup>13</sup> Extraído de Alves, Cavenaghi, Barros & Carvalho (2017). Sobre o papel político dos evangélicos no Brasil, ver, também, Almeida (2019).

<sup>14</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o\\_presidencial\\_no\\_Brasil\\_em\\_2002](https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2002). Acesso em 15 de junho de 2020.

<sup>15</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o\\_presidencial\\_no\\_Brasil\\_em\\_2006](https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2006). Acesso em 15 de junho de 2020.

<sup>16</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o\\_presidencial\\_no\\_Brasil\\_em\\_2010](https://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2010). Acesso em 15 de junho de 2020.

<sup>17</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados\\_da\\_elei%C3%A7%C3%A3o\\_presidencial\\_no\\_Brasil\\_em\\_2014](https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados_da_elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2014). Acesso em 15 de junho de 2020.

<sup>18</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados\\_da\\_elei%C3%A7%C3%A3o\\_presidencial\\_no\\_Brasil\\_em\\_2018#Segundo\\_turno](https://pt.wikipedia.org/wiki/Resultados_da_elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2018#Segundo_turno). Acesso em 15 de junho de 2020.

<sup>19</sup> <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-caticos.shtml>. Acesso em 15 de julho de 2020.

celebrados nacionalmente como Assembléia de Deus e Universal do Reino de Deus, Silas Malafaia e Edir Macedo — para citar apenas alguns.

Portanto, não houve nenhum acaso na decisão de tomar como *slogan* de campanha o versículo bíblico extraído do livro de João 8:23 “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, pois Bolsonaro e sua *entourage* têm profunda clareza de que a religião protestante assumiu notória influência política. Entretanto, o perigo subjacente a ser considerado consiste em que sua pauta ultrapassou as fronteiras dos púlpitos e dos cultos para abalar a própria ossatura do Estado de Direito. Reconhecida como uma das principais conquistas da modernidade e da edificação de uma sociedade igualitária, a laicidade estatal garante tanto liberdade de culto quanto tratamento equânime às mais variadas religiões. Todavia, uma vez que a natureza da verdade enunciada pelo Bolsonarismo não pertence ao domínio da razão, mas da crença, sua postura não faz questão alguma de esconder notório desconforto diante da multiplicidade de vozes e de interesses típica de uma sociedade em luta pela salvaguarda e ampliação da democracia.

Transladar idiossincrasias próprias ao terreno da fé para o âmbito da elaboração de políticas governamentais representa forte incompreensão acerca da necessária distinção entre as esferas pública e privada na organização da vida social, além de operar inconscientemente sob uma perspectiva teleológica e fatalista da história — eliminando ou simplificando assim suas contradições. Trata-se, por exemplo, do dogma segundo a qual a conversão religiosa é o ato primeiro e cardeal para a resolução dos “problemas” educacionais (em defesa de nossas crianças), sociais (restabelecer o respeito à família e às instituições), econômicos (o evangélico empreendedor e ou o dizimista inevitavelmente prosperarão) e políticos (o fim da corrupção e o resgate da ética). Além de ter os pastores evangélicos Damares Alves e André Mendonça nos Ministérios da Mulher, Família e Direitos Humanos e da Justiça, durante um culto na Câmara dos Deputados o presidente Bolsonaro proclamou em alto e bom som sua futura indicação ao Supremo Tribunal Federal de um magistrado “terrivelmente evangélico”<sup>20</sup>.

Quando apenas um único conjunto de valores e crenças pretende definir o comportamento, as leis e as práticas de toda a sociedade, estamos diante de uma

---

<sup>20</sup> [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/10/politica/1562786946\\_406680.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/10/politica/1562786946_406680.html) . Acesso em 19.06.2020.

violência simbólica a qual, em boa medida, pode ser denominada como *fundamentalismo*.

Ciente de que as palavras desnudam nossa mentalidade coletiva — sobretudo quando surgem espontaneamente —, poucas vezes um termo confessou com tanta equivalência as feições mais obscuras de milhões de brasileiros. “Mito” significa embaralhar infantilmente realidade e imaginação. Estar fora da história mas, ao mesmo tempo, deter poderes para nela intervir. Perder a noção de humanidade ao clamar por um super-homem apto a solucionar tudo aquilo visto como “problema”. O mito é um clamor delirante em nome da eliminação do outro e se porventura a tragédia da morte despontar no horizonte da vida e o tempo histórico reclamar seus direitos, a direita sempre poderá encontrar tanto a desculpa de que não imaginava que as coisas aconteceriam de tal forma quanto a de que a esquerda teria feito muito pior. Em síntese, o mito é o álibi impecável do autoritarismo <sup>21</sup>.

Embora ninguém tenha sido capaz de esboçar com antecedência o quadro que conduziu o Bolsonarismo ao poder, a essa altura dos acontecimentos (junho de 2020) minimizar seus aspectos ideológicos seria cometer erro político e interpretativo de monta, tanto mais que seus desdobramentos permanecem entre nós. Quer atenda pelos nomes de Sergio Moro, Wilson Witzel ou Joice Hasselmann, o Bolsonarismo continuará em vigor mesmo após a saída de Jair Messias Bolsonaro da Presidência da República.

### Das armas

Eis a razão pela qual precisamos conjugar um esforço analítico de matiz histórico a fim de elucidar as múltiplas faces da direita brasileira em nossos dias. Afinal, aos elementos circunstanciais é necessário acrescentarmos as *estruturas* e as *conjunturas*, com destaque para as sequelas deixadas pela escravidão e, mais recentemente, pelas ditaduras de Getúlio Vargas e dos militares. Aqui, o recurso à metafísica evocado pela religião cede lugar ao protagonismo de um gênero de violência a qual, embora pareça

---

<sup>21</sup> Permitam-me adaptar esse parágrafo extraído de publicação anterior sobre o mesmo tema (Ribeiro 2019:5). Sobre o conceito de *mito* aplicado à história do Brasil, ver Chauí (2000).



repousar em um realismo materialista irrefletido, é simultaneamente corporal e simbólico, financeiro e racial, espacial e machista.

Exemplifica essa violência a reação estridente do então deputado federal Bolsonaro diante da instalação da Comissão Nacional da Verdade instaurada pelo Governo Dilma Roussef no ano de 2011 com vistas a apurar crimes governamentais cometidos durante os anos de chumbo. Rompidos em função de suas atitudes “indisciplinadas” tanto antes quanto depois de sua passagem pelo Exército <sup>22</sup>, aquela reação aproximou-o dos militares de alta patente os quais, evidentemente, também se opuseram à Comissão. Embora pareçam ter memória curta quando lhes convém, é crucial enfatizar que os “argumentos” Bolsonaristas mobilizam uma determinada concepção de história e de sociedade ao declararem que a escravidão acabou faz tempo inexistindo, conseqüentemente, racismo, ou que os militares foram responsáveis pela salvaguarda da democracia contra “subversivos”, “terroristas” e “comunistas” em 1964.

As expressões acima foram retiradas do livro *Verdade sufocada* <sup>23</sup> — o emprego da palavra “sufocada” terá sido um ato falho psicanalítico, uma vez que suas definições apontam para quem não consegue respirar, foi alvo de repressão ou está preso?— assinado por Carlos Alberto Brilhante Ustra, coronel do Exército, ex-chefe do DOI-CODI e primeiro militar reconhecido pela Justiça brasileira como torturador dos “elementos” em questão. Por ocasião da votação na Câmara dos Deputados a favor do impeachment de Roussef em 17 de abril de 2016, Ustra assumiu o centro das atenções em virtude do discurso apologético de Jair Bolsonaro antes de proferir sua decisão. Em um dos episódios mais vexaminosos da história da República tanto pelo golpe na democracia quanto pela demagogia das performances e mensagens dos congressistas, vale a pena registrar *ipsis litteris* o então deputado do PSC:

*“Nesse dia de glória para o povo brasileiro, tem um nome que entrará para a história nessa data pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa: parabéns presidente Eduardo Cunha. Perderam em 64 e perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula — que o PT nunca teve. Contra o comunismo e pela nossa liberdade. Contra o Foro de São Paulo e pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra — o pavor de Dilma Roussef. Pelo Exército de*

<sup>22</sup> Vide Oyama (2020).

<sup>23</sup> Vide Ustra (2006).

*Caxias. Pelas nossas Forças Armadas. Por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!"*<sup>24</sup>

De nada adianta explicar a absoluta *ausência* de qualquer tipo de guerrilha de esquerda no Brasil antes do golpe militar<sup>25</sup>. Igualmente inútil seria elencar corpos nunca encontrados, cassações de mandatos políticos democraticamente estabelecidos, perda de cargos públicos e subsequente exílio de opositores do regime, livros, músicas, filmes e peças teatrais proibidos, partidos de esquerda postos na ilegalidade, métodos indescritíveis de tortura... Tendo vivido toda a adolescência e os primeiros anos da vida adulta em plena ditadura militar — tinha nove anos em 1964 e formou-se na Academia Militar das Agulhas Negras aos vinte e dois em 1977, para mais tarde integrar a reserva do Exército em 1988 quando de sua eleição para vereador da cidade do Rio de Janeiro impulsionado por polêmica carta veiculada dois anos antes pelo semanário *Veja* —, a psiquê de Bolsonaro assimilava as quatro sucessivas vitórias presidenciais do Partido dos Trabalhadores como uma espécie de revanche histórica. Finalmente os “comunistas” haviam tomado o poder e não pareciam dispostos a deixá-lo tão cedo: Lula ocupava o primeiro lugar das pesquisas com 22% das intenções de voto<sup>26</sup>.

Assim como muitos de sua geração, Bolsonaro não teve pudor algum em publicizar o indefensável. Como uma sociedade ciosa de sua democracia reage à declaração de um de seus homens públicos de que “o grande erro da ditadura foi torturar e não matar”?<sup>27</sup> Ora; foi precisamente este tipo de comportamento que lhe garantiu admiradores. Em reunião com o Ministro da Educação, o deputado federal e então colega de partido Heitor Freire (PSL-CE), na condição de legítimo emissário democraticamente eleito pelo povo, recomendou a adoção tanto de Ustra quanto de Carvalho como referências

---

<sup>24</sup> Reproduzido do canal do YouTube cujo internauta atende pela alcunha de “Cachorro1337”, alguns comentários dos seus 537 mil inscritos dão o tom da militância bolsonarista nas redes sociais. Postado no ano de 2016, destaquemos apenas um deles: “Se lhe cassarem, Deputado, o Senhor voltará com 100 milhões de votos”. Ver: [https://www.youtube.com/watch?v=2LC\\_v4J3waU](https://www.youtube.com/watch?v=2LC_v4J3waU). Acesso em 17 de junho de 2020.

<sup>25</sup> Cf. Ridenti (1993).

<sup>26</sup> <https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2016/07/1792816-com-rejeicao-menor-lula-lidera-corrida-eleitoral-por-presidencia-em-2018.shtml>. Acesso em 20.06.2020.

<sup>27</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=6\\_catYXcZWE](https://www.youtube.com/watch?v=6_catYXcZWE). Acesso em 27.06.2020.

bibliográficas escolares — no que foi acompanhado do deputado Filipe Barros (PSL-PR) em relação aos elogios ao “guru” Bolsonaro<sup>28</sup>.

Ao acionar o discurso de ódio, da violência e da morte como ativos políticos — *necropolítica* —, Bolsonaro imantou não apenas saudosos da ditadura como também montante considerável de jovens e adultos que não viveram a experiência autoritária. Retratado propositadamente com o livro de Ustra, ele conseguiu encarnar aquilo que de fato parecia ser a “verdade sufocada” de muitos brasileiros os quais lhe sustentavam desde sua primeira eleição como vereador da cidade do Rio de Janeiro em 1988 aos sete mandatos consecutivos como deputado federal em 1990 até alcançar um total de sete mandatos — o último deles obtido com 464.572 mil votos em 2014.

Em nome da disciplina, da hierarquia, da ordem, do nacionalismo e do moralismo, sua necropolítica tocou fundo em uma sociedade estruturalmente colonial-escravista e, três décadas depois da redemocratização, ainda seduzida por uma idílica representação da ditadura militar em que tudo funcionava a contento, não havia corrupção e nem desemprego e a criminalidade estava sob controle.

Verbal e visualmente, Bolsonaro explorou a *linguagem da violência* e foi aplaudido pelo Bolsonarismo. Da liberdade de imprensa às minorias, da educação sexual para crianças à ilha de Cuba, tudo aquilo que lhe desagradava entrava imediatamente em sua alça de mira, ou seja, tornava-se inimigo da família, do povo, do Brasil. “Quem discordará do povo e da família brasileiros?”, pergunta-se o homem comum. Ao introjetar a violência como principal solução, o corolário não poderia ser diferente.

Eis a seguir lista bastante abreviada de episódios dessa natureza:

1. homenagem na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro ao miliciano carioca Adriano da Nóbrega por parte do deputado estadual Flávio Bolsonaro a mando do pai<sup>29</sup> (2003);

---

<sup>28</sup><https://oglobo.globo.com/sociedade/deputado-defende-que-livros-de-olavo-de-torturador-sirvam-de-material-para-alunos-23554979> . Acesso em 24.06.2020.

<sup>29</sup><https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/02/15/bolsonaro-condecoracao-miliciano-morto-ba.htm> . Acesso em 18 de junho de 2020.

2. a inominável atitude do deputado federal Jair Bolsonaro ao dizer que a deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) não merecia ser estuprada por ser feia <sup>30</sup> (2014), acarretando condenação por parte do STF;
3. a ofensa inconcebível proveniente do candidato à presidência Jair Bolsonaro asseverando que quilombola não serve nem para procriar <sup>31</sup> (2017);
4. livros sobre a história dos direitos humanos são rasgados na biblioteca da Universidade de Brasília <sup>32</sup> (2018);
5. a opinião do deputado federal Eduardo Bolsonaro de que o STF seria facilmente fechado apenas por um soldado e por um cabo <sup>33</sup> (2018);
6. a ameaça de um possível retorno ao AI-5 por parte do mesmo, menção suspeita ao referido Ato pelo Ministro da Economia Paulo Guedes (2019) e discurso de Jair Bolsonaro em manifestação em frente ao Quartel General do Exército em Brasília em prol do AI-5 <sup>34</sup> (2020);
7. a ampliação do porte e da posse de armas conforme plano do presidente Bolsonaro <sup>35</sup>(2019);
8. a visita ao mesmo no Palácio do Planalto do Major Curió, executor confesso de quarenta e um guerrilheiros no Araguaia já presos e portanto sem condições de reação <sup>36</sup> (2020);

---

<sup>30</sup><https://oglobo.globo.com/brasil/justica-determina-que-bolsonaro-pague-indenizacao-maria-do-rosario-em-ate-15-dias-23689618> . Acesso em 18 de junho de 2020.

<sup>31</sup><https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/> . Acesso em 18 de junho de 2020.

<sup>32</sup><https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2018/10/04/livros-de-direitos-humanos-sao-rasgados-na-biblioteca-da-unb.ghtml> . Acesso em 26 de junho de 2020.

<sup>33</sup><https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml> . Acesso em 18 de junho de 2020.

<sup>34</sup> Na gravação tornada pública pelo STF da reunião ministerial de 22 de abril de 2020, o presidente não se faz de rogado e expõe as vísceras de seu posicionamento: “Eu sou o chefe supremo das forças armadas. Ponto final. O pessoal tava lá, eu fui lá. Dia do exército. *E falei algo que eu acho que num tem nada demais.* Mas a repercussão é enorme.” [...] Quando um coitado levanta uma placa de AI-5, que eu tô me lixando para aquilo, porque não existe AI-5. Não existe. Artigo um, quatro, dois: nós queremos cumprir o artigo um, quatro, dois, todo mundo quer cumprir o artigo um, quatro, dois. *Havendo necessidade, qualquer dos poderes, pode, né? Pedir as forças armadas que intervenham pra restabelecer a ordem no Brasil, naquela local sem problema nenhum*”. Disponível em <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-defendeu-populacao-armada-para-ir-as-ruas-contradecretos-de-prefeitos-e-governadores/> . Acesso em 22.06.2020.

<sup>35</sup><https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/07/26/senado-prepara-nova-lei-de-porte-e-posse-de-armas-para-substituir-decretos> . Acesso em 18 de junho de 2020.

<sup>36</sup><https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/05/04/bolsonaro-curio-audiencia-agenda.htm> . Acesso em 18 de junho de 2020.

9. a tentativa deliberada de reprodução do ambiente e da mentalidade nazistas em um pronunciamento nacional sobre as ações de sua pasta perpetrada pelo Ministro da Cultura Ricardo Alvim <sup>37</sup> [ele foi exonerado do cargo logo a seguir, diga-se] (2020);
10. baseado na Lei de Segurança Nacional dos tempos da ditadura, o pedido de investigação pelo Ministro da Justiça como se fosse crime a charge de Renato Aroeira associando Bolsonaro à suástica devido ao seu estímulo à invasão de hospitais e à total indiferença face aos mortos pela Covid-19 <sup>38</sup> (2020).

Enfim, admitindo a imagem como linguagem, as expostas a seguir não cumprem apenas papel ilustrativo nem no âmago do presente texto, nem em suas intenções originais. Elas operam no sentido de difundir, atualizar e fixar o *modus operandi* da direita brasileira no Brasil das primeiras décadas do século XXI.

Imagem 1: Apologia ao Cel. Ustra por parte de Eduardo Bolsonaro (2018) (à esquerda) e Jair Bolsonaro (2019)



<sup>37</sup><https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html> . Acesso em 18 de junho de 2020.

<sup>38</sup>Disponível em Instagram arocartum: <https://www.instagram.com/p/CBbWdThnFzT/> . Acesso em 18.06.2020.

Fonte: Reproduzido em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-que-ustra-faria-para-flavio-bolsonaro-ou-queiroz-contarem-o-que-sabem-por-kiko-nogueira/>. Acesso em 18.06.2020

Imagem 2: Aplaudido por sorridentes pastores e ovelhas, o gesto da arma apontada para um corpo caído em plena Marcha para Jesus (2019)



476

Fonte: Nacho Doce/Reuters. Reproduzido por <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bolsonaro-o-gesto-da-arma-na-marcha-para-jesus-e-a-risada-cafajeste-dos-pastores-por-daniel-treisan/>. Acesso em 18.06.2020.

Muito embora referindo-se à Grécia, a meditação de Hannah Arendt parece ter sido redigida em total correspondência com o Bolsonarismo: “O ser político, o viver numa polis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através de força ou violência. Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da polis, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos (...)”<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> Cf. Arendt (2000:35-36 [1958]). Uma aproximação particular dos nexos entre *violência* e *poder* encontra-se em Arendt (2011 [1969]).



## Para uma futura história do Bolsonarismo: ensaio de interpretação

Existe um núcleo ideológico do Bolsonarismo e cabe a nós desvendar as lógicas que o mobilizam e são por ele mobilizadas. Ainda que de forma imprecisa, parece-nos relevante também identificar algumas de suas feições mais recorrentes. Definir Jair Messias Bolsonaro por meio de metáforas e imagens como as do palhaço Bozo, o “Inominável” ou “Coiso” e aos seus seguidores como “gado” significa um gênero de mistificação, dessocialização e desistoricização de um processo que não tem nada de natural, hilário, metafísico ou despersonalizado e, por conseguinte, nos afasta daquilo que o Bolsonarismo realmente é: mais que excepcional ou aberração, trata-se de um fenômeno histórico-social cujas raízes e desenvolvimento são a matéria-prima por excelência das Ciências Humanas e Sociais. Ao sublinharmos o termo *Bolsonarismo* queremos lembrar diuturnamente os quase sessenta milhões de cidadãos brasileiros cúmplices de um projeto de morte. De uma necropolítica.

Talvez seja possível distinguir as seguintes características: (i) apreço pela ditadura mesmo no interior de uma democracia, incluindo no horizonte possível um golpe militar; (ii) raiz predominantemente neopentecostal a sustentar identidades reacionárias em nome da família patriarcal heterossexual machista branca, do militarismo (disciplina, hierarquia, “retidão moral”, hino e bandeira nacionais) e do próprio cristianismo e, conseqüentemente, a impugnar minorias como homossexuais, quilombolas e religiões de matriz africana; (iii) desprezo pelas artes, cultura e humanidades em geral baseado em uma espécie de realismo materialista revestido de cristianismo (“a vida é como ela é” ou “a vida é como Deus quer que seja”) e personificado pelo “guru” Olavo de Carvalho [a aproximação com o termo “mito” é sintomática do ambiente de pensamento em tela]; (iv) culto à violência física (ainda que em termos retóricos, isto é, não há grupos bolsonaristas matando “opositores”, por exemplo) como resolução de todos os males — dos econômicos aos “morais”; (v) aversão ao comunismo e apologia ao americanismo — mesmo sem saber absolutamente nada do primeiro ou apenas superficialmente sobre o segundo (vi) desconfiança para com o público e fetiche pelo privado, tal como o empreendedorismo e o apoio às reformas trabalhista e previdenciária ilustram bem,

mas também indistinção entre o público e o privado <sup>40</sup>; (vi) profunda dificuldade de autocrítica — a culpa é dos outros, dos Comunistas, do passado, do PT, da Venezuela, da China.

Devemos levar a sério as raízes ideológicas pregressas e atuais do Bolsonarismo, cujo núcleo comum reside na linguagem do ódio, da violência e da morte processadas como ativos políticos. De Ustra a Carvalho e tendo como intersecção o neoprotestantismo, o conservadorismo brasileiro expõe à luz do dia sua admiração pela reação da ditadura militar contra o perigo comunista e sua anuência ao assassinato de negros e pobres nas periferias urbanas pelas forças do Estado. Logo, na mentalidade Bolsonarista não há contradição, mas *complementariedade*, entre Cristianismo e Autoritarismo. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” e “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” saíram dos púlpitos para tornarem-se a correspondência perfeita de uma plataforma político-eleitoral, o par incontroverso de uma estrutura de pensamento em que a violência dos gestos, das palavras e dos atos justifica-se seja em nome da salvaguarda de valores culturais, éticos, morais e religiosos, seja em nome da nação como um todo. Aparentemente ingênua, seu caráter discriminatório é inegável.

Ciente dessa lógica, torna-se mais fácil situar a atitude do presidente na sinistra reunião ministerial de 22 de abril de 2020 propondo armar toda a população visando evitar tanto o surgimento de uma ditadura (refere-se à esquerda, decerto) quanto o autoritarismo de prefeitos e governadores os quais discordavam do relaxamento do isolamento social por ele preconizado. Armada, a população iria às ruas fazer justiça com as próprias mãos:

*“O que esses filha de uma égua quer, ô Weintraub, é a nossa liberdade. Olha como é fácil impor uma ditadura no Brasil. Como é fácil. O povo tá dentro de casa. Por isso que eu quero, ministro da Justiça e ministro da Defesa, que o povo se arme! Que é a garantia que não vai ter um filho da puta aparecer pra impor uma ditadura aqui! Que é fácil impor uma ditadura! Facilímo! Um bosta de um prefeito faz uma bosta de um decreto, algema, e deixa todo mundo dentro de casa. Se tivesse armado, ia pra rua. Se eu fosse ditador, né? Eu queria desarmar a população,*

---

<sup>40</sup> Snyder esclarece que o “totalitarismo elimina a diferença entre o privado e o público não só para pôr fim à liberdade das pessoas mas também para afastar toda a sociedade da política normal e encaminhá-la para as teorias conspiratórias. Em vez de definir fatos ou de gerar interpretações, somos conduzidos pela ideia de realidades ocultas e de conspirações sinistras que tudo explicam”. Cf. Snyder (2017:86-87).



*como todos fizeram no passado quando queriam, antes de impor a sua respectiva ditadura. Aí, que é a demonstração nossa, eu peço ao Fernando e ao Moro que, por favor, assine essa portaria hoje que eu quero dar um puta de um recado pra esses bosta! Por que que eu tô armando o povo? Porque eu não quero uma ditadura! E não dá pra segurar mais! Não é? Não dá pra segurar mais (...) Quem não aceitar as minhas bandeiras — família, Deus, Brasil, armamento, liberdade de expressão, livre mercado — está no governo errado (...). É escancarada a questão do armamento aqui: eu quero todo mundo armado, porque um povo armado jamais será escravizado”<sup>41</sup>.*

Baseado no quadro então esboçado, gostaríamos de sugerir a interpretação segundo a qual Bolsonaro oferece vários sinais de que está pouco à vontade como líder do Executivo. Do armamentismo à invasão de hospitais como “método” de verificação de ocupação dos leitos por causa da Covid-19, e embora tenha se aplicado na criação de um partido próprio cujos três pilares são Deus, Pátria e Família (além, claro, da defesa das armas como forma de preservação da própria vida<sup>42</sup>), a malograda *Aliança pelo Brasil*<sup>43</sup>, caracteriza a vida política de Bolsonaro a passagem por nove agremiações partidárias e a condição de eterno parlamentar do baixo clero, além dos julgamentos virulentos hostis às instituições e à própria democracia em seu longo histórico de declarações de extrema-direita blindadas pela imunidade parlamentar e mesmo durante seu curto mandato presidencial.

Deslocado, inapto politicamente e sem partido desde o final de 2019 — embora reunisse apoio apriorístico do Congresso Nacional oriundo de sua expressiva votação nas urnas, ele e seus ministros desentenderam-se rapidamente com o Legislativo —, a síntese paradigmática do Bolsonarismo em sua face notadamente política é a formação do grupo de extrema-direta “300 do Brasil”. Após ser incluída no inquérito sobre as *fake news* em torno das eleições presidenciais de 2018 relatado pelo Ministro Alexandre de Moraes, a líder extremista Sara Fernanda Geromini gravou um vídeo em 27 de maio do

<sup>41</sup> [https://www.youtube.com/watch?v=D6Jw\\_GVWu0E](https://www.youtube.com/watch?v=D6Jw_GVWu0E). Acesso em 21.06.2020.

<sup>42</sup> Bem como o direito de os pais “educarem seus filhos segundo suas próprias convicções morais e religiosas”, conforme podemos ler no Estatuto. Esta é uma abertura implícita para a legalização da educação domiciliar como modo de romper com os “vícios” da educação pública e laica. Disponível em <https://aliado.aliacapeloabrasil.com.br/estatuto-da-alianca-pelo-brasil>. Acesso em 21.06.2020.

<sup>43</sup> Casado com a deputada federal Paula Belmonte (Cidadania-DF), seu vice-presidente é o sr. Luís Felipe Belmonte investigado atualmente por patrocinar grupos suspeitos de atos anti-democráticos. Cf. <https://www.metropoles.com/distrito-federal/nao-me-arrependo-diz-sara-winter-em-video-ao-sair-da-prisao>. Acesso em 27.06.2020.

corrente ano afirmando, entre outras coisas, que ele nunca mais teria paz<sup>44</sup>. Portando máscaras e tochas em deliberada equivalência com a Ku Klux Klan norte-americana, quatro dias depois seus integrantes marcharam à moda militar em protesto contra o STF em Brasília. “Viemos cobrar, viemos cobrar. O STF não vai nos calar”, repetiam como palavras de “ordem”, acompanhadas de som instrumental funesto e fogos de artifício a simular explosões<sup>45</sup>. Sentindo-se intimidado e lançando mão da Lei de Segurança Nacional criada pela ditadura militar, Moraes entrou com pedido de prisão temporária<sup>46</sup>.

No momento em que escrevemos (27.06.2020), Sara Winter foi liberada — embora obrigada a utilizar tornozeleira eletrônica — e os “300 do Brasil” foram postos em xeque, mas ela já declarou que não se arrepende<sup>47</sup>. A mensagem a ser decodificada é a de que eles representam grave ameaça à democracia e à Justiça e é precisamente nesta direção que suas ações se coadunam ao estímulo a uma espécie de “guerra civil” como parte integrante do Bolsonarismo. “Obstruído” pelos poderes Legislativo e Judiciário, o Executivo é insuficiente para garantir a propagação da extrema-direita no país.

Se por ocasião de suas passagens pelo poder PSDB e PT tinham claras intenções e conseguiram alcançar seus objetivos de modernização neoliberal do Estado e redução das desigualdades sociais, o Governo Bolsonaro nos induz a pensar que seu *Leitmotiv* não se circunscreve à liderança da República em ambiente democrático. Ao cercar-se de um vice-presidente general do Exército e de militares cujo papel *político* desde a redemocratização têm sido notadamente o de sombrear a sociedade brasileira sob o verniz da garantia da ordem — solução para a direita, chantagem para a esquerda —, não é improvável que o ex-capitão prevesse um golpe à maneira de 1964.

Supondo a baixa adesão dos mesmos a tal “medida”, ele manobra outras camadas sociais insatisfeitas com a liberdade de imprensa, as cotas raciais universitárias, a visibilidade e a dilatação dos direitos das minorias, o feminismo, os cultos afro-brasileiros, a educação sexual na escola pública para crianças, o aborto como política

<sup>44</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=BaFOLeKH63E> . Acesso em 23.06.2020.

<sup>45</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=-4G79ToPPI8> . Acesso em 23.06.2020.

<sup>46</sup> <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/15/ativista-sara-winter-e-presa-pela-policia-federal-em-brasilia.ghtml> . Acesso em 23.06.2020.

<sup>47</sup> <https://www.metropoles.com/distrito-federal/nao-me-arrependo-diz-sara-winter-em-video-ao-sair-da-prisao> . Acesso em 27.06.2020.

pública de saúde, o incremento do consumo pelos pobres... Assaz conhecidos pela literatura acadêmica <sup>48</sup>, estes tópicos compõem o fenômeno da crise de representação dos valores em tempos de globalização por parte dos conservadores o qual, no Brasil atual, cristalizou-se sob a forma de uma expressão tão singela quanto psicanalítica: *a culpa é do PT*. Todos os males estruturais acumulados em mais de cinco séculos de história dos vencedores foram recalcados sobre os quatorze anos de hegemonia (2002-2016) do Partido dos Trabalhadores, cujos arquétipos respondem pelos nomes de *Lula* e sua figura de operário nordestino sem educação formal ter chegado onde chegou, *Dilma* como a primeira mulher e de esquerda a alcançar a presidência do país e *Comunistas* sendo todos os seus simpatizantes ou eleitores. Lula, Dilma, Comunistas: álibis perfeitos para mascarar o rolo compressor sobre as instituições científicas, culturais e intelectuais. “Os dados são claros: a ideologia da esquerda nas escolas fez o ensino no Brasil um dos piores do mundo. Se algo tiver que ter (sic) resultados diferentes, precisa haver ações diferentes da (sic) que existiram. Contra fatos não há argumentos” <sup>49</sup>, raciocina com ares de inteligência a jovem de direita Paula Pinheiro de Abreu contrapondo-se a um *post* no *Facebook* do PSOL — militância política incontestada, destaque-se — em fevereiro de 2020 contestando declarações do ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub.

Mais que negacionismo puro e simples — válido entretanto para os advogados do terraplanismo —, a despeito da constatação ordinária de que os problemas educacionais brasileiros possuem múltiplas causas político-econômicas e responsáveis nas mais diversas escalas administrativas municipal, estadual e federal e que, portanto, imputá-los aos quatorze anos de “ideologia da esquerda” não faz sentido algum, a militância Bolsonarista sustenta o governo pela *convergência programática de suas convicções*. Entretanto, uma das implicações deste casamento consiste na distorção e na erosão do *ethos* democrático, pois subentende-se que a votação majoritária nas urnas é suficiente para cancelar todas as atitudes do presidente em Brasília e de seus eleitores nas ruas e nas redes sociais.

---

<sup>48</sup> Vide Pierucci (1999).

<sup>49</sup> <https://www.facebook.com/psol50/photos/a.147531972075112/1326520847509546/?type=1&theater>. Acesso em 16 de junho de 2020.

Do contrário, como traduzir o desrespeito ao luto cometido por Héquel da Cunha Osório, aposentado, ex-presidente da Companhia Estadual de Gás carioca e dono da HCO Engenharia, ao derrubar cruzes em covas rasas na praia de Copacabana levantadas por uma ONG em homenagem às vítimas da Covid-19 — incluindo *in loco* um pai que acabara de perder seu filho? A retórica empregada por ele em pleno ato é sintomática da distorção e da erosão acima referidas: “Vou tirar essa aqui. Se eles têm direito de botar... A praia é pública. Eu tenho direito de tirar. Isso aqui é um atentado contra as pessoas. Isso aí é um terror. Tá criando pânico. Usando as cruzes... A cruz de Jesus para aterrorizar o povo. ‘Sacanagem”<sup>50</sup>. Após o feito, ele se vangloria em um grupo de *whatsapp* ao perguntar: “Alguém viu minha indignação derrubando cruzes que a esquerda montou em Copacabana hoje? Não resisti”<sup>51</sup>. Segundo noticiado pela imprensa, ele participa de um *blog de fake news* pró-Bolsonaro<sup>52</sup>.

No mesmo diapasão corrosivo-astigmático, o deputado estadual paulista Douglas Garcia, cuja militância virtual no Twitter obedece aos mesmos padrões de linguagem apresentados até aqui<sup>53</sup>, elaborou projeto de lei — baseado na mesma norma jurídica evocada por Moraes acima citada, a Lei de Segurança Nacional — com vistas a impedir, entre outros, que cidadãos declarados anti-fascistas (ele cita nomeadamente o coletivo Antifas) tomem posse como servidores públicos no Estado de São Paulo. Igualmente, do alto da presidência da República e muito provavelmente ignorando por completo as origens históricas de semelhante frase, Bolsonaro não chega ao extremo de dizer “Eu sou a constituição” justamente um dia após ter participado de manifestação popular em prol da intervenção militar?<sup>54</sup>.

Ex-militar indisciplinado e de baixa patente para, em seguida, consagrar-se perante a opinião pública como parlamentar ignorado pelos seus pares, Bolsonaro surpreendentemente torna-se presidente. Não haveria de certa forma uma

---

<sup>50</sup><https://oglobo.globo.com/rio/veja-quem-o-homem-que-invadiu-local-de-ato-por-vitimas-da-covid-19-em-copacabana-derrubou-cruzes-1-24480035> . Acesso em 23.06.2020.

<sup>51</sup><https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/15/nao-resisti-diz-mensagem-que-seria-de-aposentado-que-derrubou-cruzes-em-ato-por-vitimas-da-covid-19-em-copacabana.ghtml> . Acesso em 24.06.2020.

<sup>52</sup><https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bolsonarista-que-derrubou-cruzes-em-ato-no-rio-e-dono-de-empresa-de-engenharia/> . Acesso em 24.06.2020.

<sup>53</sup> <https://twitter.com/DouglasGarcia/status/1275179683118755841> . Acesso em 20.06.2020.

<sup>54</sup><https://noticias.uol.com.br/colunas/josias-de-souza/2020/04/20/bolsonaro-em-versao-luis-14-a-constituicao-sou-eu.htm> . Acesso em 24.06.2020.

mimetização de sua trajetória com a de milhões de brasileiros e brasileiras das camadas populares e da classe média? Por meio dele, estes cidadãos também chegaram ao poder. Não foi um pouco assim também com Lula? Negar o carisma de Bolsonaro é não entender o Brasil dos nossos dias. Ninguém o ouvia no Parlamento: injustiçado. Um pai em defesa irrefreável dos filhos: certíssimo. Fã de futebol: *tamo junto!* Batizado no Jordão e gravado recebendo bençãos do pastor em pleno púlpito: humildade. Um homem profundamente dependente do sistema mas que se apresentou como insurgente ao próprio sistema: fala a verdade; fala “na cara”. A facada tornou-lhe um mártir: Messias. Tentaram assassiná-lo para que não chegasse ao poder: quer prova maior de que ele é a pessoa certa para sentar na cadeira de presidente e endireitar esse país? Desrespeito total às regras em plena pandemia: síntese da sociedade brasileira. A elite também abraçou-o, pois seus valores também são bastante parecidos aos dele, tais como a invisibilidade de negros, periféricos, índios...<sup>55</sup>

Para além de incompreensível excepcionalidade, o Bolsonarismo é a face atual da extrema-direita brasileira. Em uma economia política cada vez mais excludente, a reprodução da morte tornar-se-á a regra do jogo. Ao conceituá-lo como *necropolítica*, vida e morte assumem a forma de uma sinistra equivalência, pois, no fundo, cada um pensa, fala e age como quer. Isto se opõe frontalmente às noções de democracia, direitos humanos e esfera pública.

### Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos Estudos Cebrap*, vol. 38, 01, pp.185-213, jan.-abr. (2019).
- ALVES, José Eustáquio, CAVENAGHI, Suzana, BARROS, Luiz Felipe, CARVALHO, Angelita A. de. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 29, n. 2 (2017).
- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária (2000 [1958]). Tradução de Roberto Raposo.

---

<sup>55</sup> A propósito da elite brasileira, vide o corajoso e instigante ensaio de Souza (2017).

- ARENDDT, Hannah. *Sobre a violência*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (2011 [1969]).  
Tradução de André Duarte.
- BARTHES, Roland. *Aula*. 15ª ed. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix (2007 [1978]).
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 1: As estruturas do cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes (1996 [1967]). Tradução de Telma Costa.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 2: Os Jogos das Trocas*. São Paulo: Martins Fontes (1996 [1979]). Tradução de Telma Costa.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo: séculos XV-XVIII. Volume 3: O Tempo do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes (1996a [1979]). Tradução de Telma Costa.
- CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro: Record (2013).
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo (2000).
- FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Bahia: EDUFBA (2008 [1952]). Tradução de Renato da Silveira.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó (2019 [2008]). Tradução de Jess Oliveira.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 edições (2018 [2013]). Tradução de Sebastião Nascimento.
- MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte e Ensaios*, 32 (2016 [2003]). Tradução: Renata Santini.  
Revisão técnica: Cezar Bartholomeu.
- OYAMA, Thais. Tormenta. *O Governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*. São Paulo: Companhia das Letras (2020).
- PIERUCCI, Antônio Flávio. *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Ed. 34 (1999).

RIBEIRO, Guilherme. A ilusão de Paschoal ou Cinco efeitos negativos do impeachment de Jair Bolsonaro para a esquerda e para a democracia no Brasil. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, Dossiê Especial Coronavírus, 18 (2020).

RIBEIRO, Guilherme. Catarse: memória, história e autoritarismo nas eleições brasileiras de 2018. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, 16 (2019).

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: UNESP (1993).

SNYDER, Timothy. *Sobre a tirania. Vinte lições do século XX para o presente*. São Paulo: Companhia das Letras (2017). Tradução de Donaldson M. Garschagen.

SOUZA NETO, João Alves de, CASTRO, Fernando Molnar. “Capitalism über alles”: uma interpretação da pandemia de coronavírus no Brasil à luz da geografia radical de Neil Smith. *Espaço e Economia. Revista Brasileira de Geografia Econômica*, Dossiê Especial Coronavírus, 18 (2020).

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso. Da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya (2017).

USTRA, Carlos Alberto Brilhante. *A verdade sufocada. A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*. Brasília: Editora Ser (2006).

**Data do envio: 15/06/2020**

**Data da Avaliação: 28/06/2020**